



REVISTA BRASILEIRA DE ALTAS
HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO
ISSN: 2318-9274 (Online)
Volume 5 / Número 2/ Ano: 2023

ENTREVISTA COM O PROFESSOR ROBERT STERNBERG

¹Tania Vicente Viana
²Cristina Maria Carvalho Delou

¹Universidade Federal do Ceará. E-mail: taniaviana@ufc.br

²Presidente do Conbrasd. E-mail: cristinadelou@id.uff.br

Entrevistadora: Tania Vicente Viana

Quem é o professor Robert Sternberg?

Dentre as suas principais contribuições para a Psicologia, o professor Robert Sternberg criou a Teoria Triárquica da Inteligência, uma concepção de inteligência mais ampla e focada nos desafios da realidade, para além das capacidades analíticas tão enfatizadas na escola. Ele é professor de Psicologia na Universidade de Cornell e ex-presidente da Associação Americana de Psicologia. O professor Robert Sternberg ganhou mais de duas dúzias de prêmios profissionais e foi classificado, pela APA [Associação Americana de Psicologia], como um dos 100 melhores psicólogos do século XX. Ele escreveu mais de 1.800 artigos, capítulos de livros e livros.

Tania Viana: Minha primeira pergunta para o senhor é sobre inteligência. O senhor acredita na existência de vida inteligente... fora da escola? Boas notas são realmente sinônimo de inteligência?



Robert Sternberg: Não creio que boas notas sejam sinônimo de inteligência. Boas notas são importantes para mostrar que você aprendeu o conteúdo e que trabalha de modo árduo, que é um aluno diligente. Mas tenho me concentrado recentemente, nos últimos anos, no que chamo de inteligência adaptativa, que é a inteligência como deveria ser definida: como adaptação ao meio ambiente. E, se você olhar para os tipos de problemas que realmente exigem pensamento inteligente, coisas como o que eu espero que sejam importantes, como preservar a Floresta Tropical Brasileira, não apenas porque é bom ter árvores, mas para o país e para o mundo.

Ou se olharmos para a importância de controlar a poluição, e a pureza do nosso ar e da água, e de reduzir as alterações climáticas, de reduzir a pobreza e de educar o maior número possível de estudantes, da melhor forma possível. Esses são problemas realmente importantes para o mundo resolver. E assim a minha reflexão tem sido que os tipos de coisas que ensinamos, mas, mais importante ainda, que testamos na escola, nem sempre correspondem tão bem aos tipos de coisas que precisamos fazer em termos de adaptação ao ambiente do mundo real.

Então, o que pode acontecer, e tem acontecido no nosso país, é que temos líderes realmente brilhantes, muitos dos quais frequentaram as melhores universidades e obtiveram boas notas na escola e tiveram notas altas nos testes. Mas, quando se trata de resolver os problemas reais do mundo, aqueles que exigem não apenas inteligência escolar, mas inteligência adaptativa, às vezes, eles não só não são os melhores, mas, na verdade, são muito inábeis nisso. E, neste momento, temos um desafio, por exemplo nos Estados Unidos [EUA], que talvez lhe pareça familiar – não sei, talvez não – de ter um candidato político que quer ser um ditador. E o que você... como você ensina os alunos a terem o pensamento crítico, que você aplica ao conhecimento que eles têm, para dizer que: “Este homem não quer nos servir. Ele só está cuidando de si mesmo. Ele está cuidando do seu poder, do seu dinheiro e de seus adoradores, e essa não é uma pessoa... Essa não é uma pessoa que quer liderar um país”. Essa é uma pessoa que, na minha opinião, que, no nosso país, é narcisista. Ele está procurando consolidar o poder.

E é disso que se trata, para mim, a inteligência adaptativa. Você viu uma pessoa assim concorrendo à presidência e imediatamente diz: “Sim, ele é carismático e talvez seja um bom orador”. Mas ele não é um líder que queira melhorar as coisas no país. Então, dou esses exemplos para enfatizar que, para mim, inteligência não tem a ver com notas. Não se trata de testes de QI¹. Não se trata da Mensa². É sobre como resolvemos os problemas que são muito urgentes no mundo e que, neste momento, não estamos resolvendo. E, às vezes, nem abordando e, outras vezes, piorando, pelo que eu entendi. Sabe, houve momentos em que a situação da Floresta Tropical Brasileira estava piorando. Bem, essas são as pessoas que queremos. Queremos pessoas que irão melhorar as coisas em nosso país.

Tania Viana: Sobre a inteligência humana. O que precisamos para ter sucesso em nossas vidas? O senhor poderia nos explicar suas ideias sobre a Teoria Triárquica da Inteligência?

Robert Sternberg: Sim. A Teoria Triárquica foi a teoria que eu propus em... suponho que em 1984. E ela refletia o meu pensamento em 1984. Algumas pessoas propõem uma teoria e permanecem com ela. Eu não. Eu tendo a seguir em frente. Então, a forma como vejo as coisas hoje se baseia nessa teoria, mas vai um pouco além dela. Em primeiro lugar, a ideia básica, naquele momento e agora, é que, muitas vezes, procuramos as coisas erradas quando dizemos que alguém é inteligente. O que procuramos? Eles tiram boas notas? Eles se saem bem nos testes? Eles são bons alunos? Você sabe, dignos de um afago na cabeça. Eles são alunos muito bons.

Sabe? As habilidades envolvidas nisso são a habilidade analítica abstrata. Você pode pensar abstratamente e ter uma boa base de conhecimento. E, às vezes, dou o exemplo de uma aluna que tive: Alice – que não é o nome verdadeiro – que era uma aluna muito boa. E nós a admitimos em nosso programa de pós-graduação, porque ela era uma ótima aluna. E, quando ela entrou no programa, ela também era uma boa aluna. Mas o que aconteceu foi que, embora ela fosse boa em memorizar livros e memorizar coisas, e, às vezes, em analisá-las, ela não tinha ideias próprias.

¹ Quociente de Inteligência (QI)

² Sociedade para pessoas de alto Quociente de Inteligência (QI).

E, na vida, não só na escola, mas na vida mesmo... Hoje em dia, o mundo está mudando muito rápido. Quero dizer, neste país, cada dia traz algum tipo de novo desafio e alguma nova dor de cabeça. Você realmente precisa ser criativo. Você realmente precisa dizer: “Ei, olhe, as ideias de 10 anos atrás, 20 anos atrás, 50 anos atrás...”. Como se tivéssemos um candidato político – sem mencionar o nome dele – que quer trazer isto de volta da forma como ele imagina que as coisas eram na década de 1950 e algumas pessoas dizem: “Sim, você sabe, o mundo está desmoronando”. Mas, você sabe, esse mundo imaginário da década de 1950... isso não é ser criativo. Criativo é dizer que o mundo mudou. Enfrentamos novos problemas. Precisamos de ideias novas e ideias convincentes.

Então, a criatividade é muito importante e não é importante apenas na política. É importante em seus relacionamentos pessoais, como com seu marido, ou sua esposa, ou seu namorado, ou sua namorada ou seus filhos. Você sabe, às vezes, você tem um problema que simplesmente não consegue resolver. Eu estava lhe contando, antes de começarmos, como meus filhos são barulhentos e eu disse a eles para ficarem quietos. Mas eles ficarão quietos? Às vezes faço com que eles fiquem quietos quando estou dando uma palestra, e foi por isso que subi. Porque não posso agendar você mais tarde.

Ou pode ser que você tenha um problema com seu marido ou sua esposa e continue tendo o mesmo problema. Ele continua voltando de novo e de novo e você percebe que, se algum dia quiser resolver esse problema, precisa de uma solução criativa, porque já tentou essa solução 20 vezes e nunca funcionou antes. Você sabe: ele ainda está bebendo; ele ainda está em jogos de azar; ele ainda está saindo com outras mulheres; ele ainda está chegando tarde em casa; ele não vai trabalhar, seja lá o que for, ou ela. Então, você precisa ser criativo para enfrentar a vida. Agora, é claro, minha esposa é perfeita e não temos problemas com ela. Mas, você sabe, outros talvez tenham. Ela tem muitos problemas comigo. Quero dizer, pra viver comigo, ela tem que ser muito criativa, porque eu sou desagradável. Quero dizer, nem eu consigo me suportar. Mas a questão é que, na vida real, é preciso ser criativo. E testes de QI e, muitas vezes as escolas, não valorizam isso.

O terceiro conjunto de habilidades, que é realmente importante, são as habilidades práticas, o bom senso. E os testes de QI certamente não medem o bom senso. Você sabe, eu ensino em uma universidade muito boa. Ensinei em Yale, estou ensinando em Cornell. Fui estudante em Yale e Stanford e todas elas estão repletas de professores com QI muito alto, mas notavelmente com falta de bom senso. Quero dizer, às vezes, é simplesmente extraordinário, e os alunos também.

Para enfrentar a vida, você precisa ter bom senso. Em termos práticos, existem vários estudos no Brasil, com crianças de rua brasileiras. E os estudos descobriram que essas crianças, que tinham um desempenho muito baixo na escola, que viviam na rua, quando lhes eram dados problemas de Matemática, eram problemas não acadêmicos, mas problemas sobre os tipos de Matemática de que precisavam para ganhar dinheiro na rua. Na verdade, elas se saíram muito bem nos problemas. Elas não apresentaram problemas para resolvê-los. Mas, quando você as colocava em uma sala de aula e lhes dava problemas análogos, e, num contexto acadêmico, elas não conseguiam resolvê-los. E a questão é: essa extensão é tão grande. A inteligência é contextual.

As pessoas que são boas na escola, como vemos em alguns de nossos políticos formados em Harvard e Yale... As pessoas que são boas na escola, muitas vezes, não são muito boas na vida real. E temos alguns políticos extremamente qualificados, e você os ouve e se pergunta: como é que eles tiveram o QI para entrar nessas escolas? E você percebe que não se trata de QI. Eles têm o QI. Eles simplesmente não têm bom senso e estão impondo a falta de bom senso a todos

nós. Então, é importante ter a inteligência escolar. Mas também é importante ter capacidades e habilidades criativas e práticas. E ter um quarto componente, que é a sabedoria, que é a busca do bem comum.

Acho que o maior problema hoje é a falta de sabedoria e é o que vivemos nessa época, talvez seja diferente no Brasil. Mas acho que, nos EUA – e, na verdade, há pesquisas sobre isso – que as pessoas são mais narcisistas, mais egocêntricas, como jamais foram antes. E acho que nossa cultura recompensa isso. E você conhece personalidades carismáticas, e às vezes tóxicas, que “sou eu, eu, eu e mais eu e eu”. São frequentemente recompensadas por seu comportamento tóxico.

E acho que a coisa mais importante que as escolas devem ensinar é que o mundo, você sabe, que tem desafios e estamos juntos nisso. Todos temos que trabalhar juntos para tornar o mundo melhor. E se você tiver uma situação como a dos Estados Unidos [EUA], onde há pessoas e os chamados estados vermelhos e estados azuis, conservadores e liberais, que nem conseguem conversar entre si. É ir ladeira abaixo. Você sabe, é como se eu olhasse para as pessoas dos estados vermelhos e não conseguisse nem entender o que elas estão pensando. Quero dizer, eles querem um ditador como seu próximo presidente e olham para nós e dizem: “Eu não consigo entender a maneira como ele está pensando”. E então as pessoas precisam, de alguma forma, buscar o bem comum, não apenas para si mesmas ou para seu próprio grupo. Portanto, a inteligência adaptativa consiste em tornar o mundo um lugar melhor.

Tania Viana: Professor, acho que o bem comum é algo que precisamos para ontem. Eu tenho uma pergunta aqui no estilo de Sternberg. Recentemente tivemos uma tragédia sanitária e humanitária em todo o mundo, um problema social que envolveu também os valores humanos, como o bem comum. Que lições o sistema educativo pode tirar da pandemia de Covid-19?

Robert Sternberg: Acho que há várias lições que podemos aprender com a Covid-19. A lição número um é que os problemas que pensamos que acabaram, não acabaram. Estávamos fazendo pesquisas com crianças na zona rural do Quênia, então, eram crianças que cresceram em circunstâncias economicamente desafiadoras, e elas – o que estávamos dizendo semelhante ao trabalho com as crianças de rua brasileiras – São essas crianças que crescem perto do Lago Vitória, na Tanzânia, no Quênia... elas são inteligentes. Elas têm habilidades. Simplesmente não são o que valorizamos na escola ou medimos em seus testes.

Então, fizemos um estudo e nos perguntamos: quais são as habilidades que elas realmente precisam desenvolver para se adaptar ao ambiente? Porque elas não vivem aqui, nos EUA, elas vivem em seu ambiente. E descobrimos que uma habilidade muito importante era identificar medicamentos fitoterápicos naturais. Isso poderia ser usado para combater doenças parasitárias como a malária, a ancilostomíase, o cupim, a esquistossomose, toda uma variedade do que se poderia chamar de doenças da selva, doenças tropicais. E as crianças que encontramos obtiveram pontuações muito baixas nos testes de QI. Somos extremamente conhecedores de como usar fitoterápicos naturais para combater essas infecções parasitárias.

E, quando dou uma palestra sobre isso, dou alguns exemplos de itens do nosso teste de inteligência adaptativa, de adaptação ao ambiente deles. E ninguém aqui conseguiu responder nenhuma das perguntas, porque não temos esse problema, mas eles não têm os nossos problemas. Então, quando lhes damos problemas de testes de QI, estamos essencialmente dizendo: “Queremos que vocês resolvam nossos problemas, que são os problemas dos testes de QI”. E se estivessem fazendo testes de QI, poderiam dizer: “Bem, por que você não tenta resolver os nossos problemas”? E também não nos sairíamos bem nisso. Agora, quando fizemos o trabalho, algumas pessoas falaram: “Ei, olhe, ok. Eles são bons nesse tipo de problema de

conhecimento médico e sabem como reconhecer e tratar doenças, mas estão em uma espécie de sociedade em desenvolvimento. Somos uma sociedade pós-industrial, muito mais sofisticada”. Então, essas habilidades, não precisamos delas. Portanto, seu argumento não foi bem aceito porque eles são bons em habilidades que não importam.

Então, surge a Pandemia de Covid e descobre-se que as habilidades que essas crianças rurais no Quênia têm são realmente valiosas para lidar com uma doença. E alguns dos seus políticos brilhantes e dos seus líderes e celebridades com os seus elevados QIs, e com sua boa educação, fazem uma confusão total com a pandemia. Portanto, uma lição que podemos aprender é a respeitar as pessoas, inclusive as crianças. De ambientes mais indígenas, de ambientes que não são tão industrializados, porque podem, na verdade, ter capacidades que não temos, que nos teriam sido úteis quando a pandemia nos atingiu. Então, uma coisa que penso é respeito pelas pessoas que têm capacidades que não valorizamos, mas que continuam importantes.

A segunda lição é que muitos dos nossos líderes politizaram um problema médico. E a inteligência adaptativa significa trabalhar em conjunto porque, você sabe, a inteligência do mundo real é quase sempre coletiva. São sempre pessoas trabalhando juntas por um bem comum. Mas eles não fizeram isso. Eles transformaram a pandemia em um futebol político para emocionar sua base e seus eleitores. E o resultado foi que muitas pessoas morreram ou ficaram muito doentes, inclusive algumas delas, algumas das pessoas que morreram de Covid foram as que andaram por aí e disseram: “não use máscara, não se distancie socialmente, não tome vacina, não preste atenção, isso tudo é uma artimanha”. E então eles morreram de Covid. Então, por assim dizer, é quase como se fosse algo evolutivo, você sabe, eles eram adaptativamente inadequados e estavam mortos. Acho que uma segunda lição é que a inteligência não tem a ver com suas notas na escola, seus SATs³, mas sim quando há um problema no mundo real, como a Covid. Você pode trabalhar com outras pessoas de forma construtiva, pelo menos para resolver isso? Em vez de fingir que não existe. E isso é válido para outras coisas, como as alterações climáticas globais, a poluição do ar e também a poluição da água. Então, essa é a segunda lição.

E acho que uma terceira lição é que podemos ver quão diferente a inteligência real é – a inteligência adaptativa – daquela que ensinamos na escola. Como, se você olhar para um problema, como uma pandemia. Você pode ver porque apenas ter uma escola, muita escolaridade, nem sempre lhe dá as capacidades para resolver esses problemas. Não é uma questão de múltipla escolha. É um problema em evolução. Assim que você achar que tem o problema, há um novo problema. Há uma nova variante da Covid. O problema... às vezes nem está claro qual é o problema. Precisamos trabalhar juntos em grupo para resolvê-lo. Demora muito tempo para resolver isso. É emocionalmente tenso. As apostas são altas.

Então, se você olhar para as características de um problema do mundo real com a Covid, elas são quase o oposto dos problemas que você encontra em muitos exames escolares e em um teste para entrar em nossas faculdades ou na Mensa, por falar nisso. Então, penso que o que isso indica é que, a menos que queiramos que as pessoas sejam vítimas da pandemia, é necessário desenvolver as capacidades intelectuais adaptativas, as capacidades criativas. Dizer que: “O que fizemos não está funcionando”. Precisamos encontrar novas soluções. Das capacidades analíticas para dizer: “É por isso que não está funcionando, é por isso que precisamos, que precisamos fazer de uma forma melhor”. As habilidades práticas para trabalhar com outras pessoas em problemas reais e convencê-las a ouvir e a sabedoria para dizer que estamos todos juntos nisso. Não podemos simplesmente dizer que isto é... Você sabe, é como o que as pessoas

³ SAT é a sigla de “Scholastic Aptitude Test” (Teste de Aptidão Escolar). É um teste padronizado amplamente utilizado para admissão em universidades nos Estados Unidos da América (EUA).

fizeram com a AIDS⁴: isso é um problema para as pessoas homoafetivas ou para as pessoas na África. Bem, isso, com certeza, não funcionou muito bem. Para dar-se conta de que o que você espera é que seja apenas um problema em outro lugar, neste caso, você sabe, talvez fique na China ou algo assim. Vivemos num mundo global. Vai chegar aqui.

Então, a mentalidade da América [EUA] primeiro ou de qualquer outro país primeiro, você sabe, Brasil primeiro, Colômbia primeiro ou Argentina, não funciona mais porque qualquer problema em um país rapidamente se torna um problema em outro país. Qualquer problema para um grupo rapidamente se torna um problema para outro grupo. Então, acho que essa é outra lição. Isso aprendemos com a pandemia.

Tania Viana: Professor, acredito que suas ideias sobre Inteligência Plena se baseiam em sua própria vida. Isso é verdade? O senhor poderia falar sobre isso conosco?

Robert Sternberg: Sim, claro. Então, quase tudo que estudo é baseado na minha própria vida. Quero dizer, você sabe, as pessoas se motivam de maneiras diferentes. E o que me motiva, a razão pela qual me tornei psicólogo é que faço muitas coisas malfeitas. É para entender por que eu faço essas coisas malfeitas. Então, o que me fez começar na Psicologia? Foi isso, quando criança, criança pequena, Ensino Fundamental, você sabe, séries⁵. Quando eu tinha seis anos, sete anos, oito anos, nove anos... fui mal nos testes de QI. Então, eles não iriam me levar para a Mensa, e, você sabe, pode ter havido muitos motivos pelos quais eu me saí mal. Eu sei que um deles foi a ansiedade de fazer o teste, mas simplesmente não respondi bem ao teste. E então, como resultado, meu professor achou que eu era meio medíocre, e então eu pensei que era meio medíocre e os professores me trataram como se eu fosse meio medíocre. E eu fiz um trabalho meio medíocre. E eles ficaram de certa forma felizes por eu estar fazendo um trabalho meio medíocre e eu fiquei de certa forma feliz por eles estarem felizes. Todos estavam felizes. E é isso que acontece com muitas crianças, que podem vir de origens alternativas.

Você sabe, meus pais não eram cultos. Meus pais nunca se formaram no Ensino Médio. Meu pai vendia botões, minha mãe era dona de casa. Ela era uma refugiada da Áustria. E eu acho que muitas pessoas, você sabe, a maioria das pessoas onde eu morava... os pais delas fizeram faculdade, eles eram executivos. Pelo menos eles eram, eles eram de classe mais alta do que nós, nós éramos, nós éramos, você sabe, como “o fundo do barril”⁶, não éramos de uma família distinta. E eu acho que pessoas como eu, que são, de certa forma, da primeira geração que foi para a faculdade, é um desafio, porque você não tem modelos. E então, eu estava interessado desde quando era jovem e o que... e o que é inteligência? Por que eu tinha tanta dificuldade?

E, assim, comecei no Ensino Fundamental, interessando-me por inteligência. E então, quando eu estava na sétima série, tinha 13 anos, que ironicamente é a mesma idade dos nossos trigêmeos agora. Nossos trigêmeos têm 13 anos. A mesma idade que eu tinha. Fiz um projeto científico sobre testes de QI para tentar descobrir: por que eu tinha tanta dificuldade? E eu tive problemas. Tive problemas porque parte do meu projeto era desenvolver meu próprio teste de QI, o que fiz, o famoso “Teste de Habilidades Mentais de Sternberg”, do qual ninguém nunca ouviu falar. Não existe mais, foi há muito tempo. Mas a outra parte foi que encontrei o teste de inteligência Stanford-Binet na seção para adultos da biblioteca da minha cidade natal.

Então pensei: “Ei, isso é ótimo. Posso adquirir alguma experiência aplicando esse teste nos meus colegas de classe”. Então, peguei os itens deste livro chamado “Mensuração da Inteligência”, de Terman e Merrill. E decidi testar alguns colegas. Para mostrar como é... – não

⁴ Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

⁵ Séries ou anos do Ensino Fundamental.

⁶ De condição ou nível o mais baixo possível.

é só a minha inteligência cognitiva que é baixa, é também a minha inteligência social. Eu... havia uma garota por quem eu estava romanticamente interessado e eu pensei que uma boa maneira de “quebrar o gelo”⁷ com ela seria fazer um teste de QI. Esta acabou sendo particularmente uma má ideia.

Não sei por que, na época, achei que era uma boa ideia, mas achei. Ela fez o teste de QI que eu dei: ela se saiu bem, muito bem. Essa é a boa notícia. A má notícia é que o relacionamento nunca começou. Mas o interessante foi que nós dois tínhamos 13 anos na época e agora, como você pode ver, sou um homem mais velho e ainda somos amigos. Ainda estou em contato com ela. Ela mora no estado onde eu nasci, Nova Jersey. Então, pelo menos, somos amigos, sem nos envolvermos romanticamente. Nunca nos envolvermos romanticamente.

Então, eu dei o teste para um jovem que eu conhecia dos escoteiros, escoteiros mirins. E isso também não deu certo, porque ele aparentemente disse à sua mãe que eu apliquei um teste de QI nele e a mãe dele ficou indignada. E reclamou com o conselheiro escolar e o conselheiro escolar ficou indignado e reclamou com a rede escolar. E, então, durante a aula de Estudos Sociais do segundo período – ainda me lembro do acontecimento – fui chamado para sair da aula. Eu não fazia ideia. Por que eles estão me chamando para sair da aula? E eu vou ao escritório do conselheiro escolar e há um psicólogo do sistema escolar... Ele está lá e grita comigo por 50 minutos por eu aplicar testes de QI. E ele disse: “Se você trouxer este livro para a escola novamente, eu pessoalmente irei queimá-lo”.

E uma coisa que você nunca deve fazer com adolescentes é dizer a eles que: “Você vai ter que fazer isso. Você vai... você vai se meter em grandes problemas”, porque é exatamente isso que os fazem querer fazer isso. Então, eu falei, bom, isso deve ser muito interessante, se você, é assim, sabe, se vai queimar o livro, é ótimo. Quero dizer, isso deve ser o que eu deveria fazer. Então, continuei a estudar inteligência secretamente e depois abertamente.

E eu tenho estudado desde então. E todos os problemas que tenho estudado foi sobre algo em que não me saio bem. Comecei a estudar criatividade quando fiquei sem ideias. Comecei a estudar sabedoria quando dei maus conselhos a um aluno. Comecei a estudar o amor quando eu estava em um relacionamento fracassado. Eu praticamente estudo coisas em que não me saio bem. Então é assim que decido o que estudar: as coisas que são difíceis para mim.

Tania Viana: Professor, o senhor ainda tem o seu teste, aquele que o senhor desenvolveu?

Robert Sternberg: Quando eu tinha 13 anos? Não. Não, foi há muito tempo e é melhor assim. E eu vou dizer a você o porquê é melhor assim. Porque o teste que desenvolvi quando tinha 13 anos não foi um bom teste. Pensei erroneamente que o problema era que os testes... Não havia tipos de testes diferentes o suficiente. E, então, meu teste tinha muitos e muitos tipos diferentes de itens, mas o que eu não percebi... que, antes da minha época, em 1904, Charles Spearman descobriu que todos esses tipos de itens de teste escolares medem a mesma coisa. Todos eles medem o que ele chamou de Inteligência Geral.

E a minha grande descoberta – para mim, ou uma das minhas grandes descobertas ou uma das minhas menores descobertas, se é que foi isso – foi perceber que o problema é que o que eles chamam de geral é geral para empreendimentos de tipo acadêmico, mas não é geral para empreendimentos no mundo real. Por exemplo, não vai te conseguir um namorado(a). Não vai fazer com que seu casamento persista. Não vai colocar comida na sua mesa. Não vai fazer novas amizades por você. É apenas diferente. Portanto, não quer dizer que a inteligência escolar ou a inteligência acadêmica não sejam importantes. Quer dizer que é apenas uma parte da história e

⁷ Uma forma de aliviar a tensão do primeiro encontro com uma pessoa.

eu ainda não percebi isso quando tinha 13 anos. E isso é outra coisa que é importante, se me permitem mencionar, porque já me referi a isso antes. É que minha teoria da inteligência mudou muitas vezes desde que a propus pela primeira vez.

Eu propus isso pela primeira vez em um livro: uma teoria quando eu tinha – foi baseada na minha dissertação – eu tinha 27 anos e foi quando eu era Professor Assistente⁸. Sim. E não fiquei com a teoria porque eu percebi que a teoria era muito limitada, mas... a questão é que nunca devemos ficar presos às nossas ideias. Nem quando estamos na escola, nem quando temos 27, nem quando temos 37, nem quando temos 47, ou 57, ou 67. O que precisamos perceber – e acho que muitos acadêmicos não percebem. O que acontece é que todas as nossas ideias, em algum nível, estão erradas. E, assim, por melhores que pensemos que as nossas ideias sejam, podemos sempre fazer melhor e, por isso, é importante estarmos sempre abertos. Eu, às vezes, digo aos meus alunos: “Se chegar ao ponto em que não estou aprendendo tanto com vocês quanto vocês estão aprendendo comigo, então estou fazendo algo errado. Então estou preso. Estou entrincheirado”.

A vantagem, para mim, de trabalhar com pessoas mais jovens é que elas são menos arraigadas, embora eu possa ser mais considerado um especialista. A vantagem delas é que são menos experientes e verão coisas que eu não vi. Vou te dar um exemplo. Aconteceu ontem à noite. Tivemos uma reunião do meu grupo de pesquisa e eu disse ao grupo que há um problema que me incomoda desde que comecei a lecionar Introdução à Psicologia. E o problema é... Todos vocês, no Brasil, conhecem o experimento de Milgram?

O experimento de Milgram foi um homem, um psicólogo de Yale. Quem deu... ele fez um experimento em que pediu aos sujeitos que fossem professores e aplicassem choques em um aluno. E, à medida que ele ia realizando a experiência, os choques aumentavam e aumentavam e aumentavam, e aumentavam e aumentavam e depois o aluno começa a gritar e ele diz: “Deixe-me sair daqui!” “Socorro! ”. E eventualmente os choques atingem um nível muito elevado e o aluno fica em silêncio. Você conhece esse experimento. Então, o interessante sobre o experimento de Milgram é que dois terços... cerca de dois terços das pessoas que participaram do experimento permanecem até o fim.

Então, eu disse para... Então, eu disse o que me intriga... Eu disse isso para o meu próprio grupo de pesquisa. O que me intriga... Foi quando expliquei isso, como acabei de fazer, na semana passada, na minha aula de Adolescência. Eu digo que dois terços das pessoas, no experimento, foram até o fim. Quantos de vocês acham que iriam até o fim e dariam o choque total? Ninguém nunca levanta a mão, mas o objetivo do experimento é que dois terços de vocês o fariam. Vocês simplesmente não acham que fariam isso. E eu disse ao grupo que não entendo por que todos perdem o foco. A questão não é que outras pessoas chegam ao fim. A questão é que dois terços de todos nós o farão. E eu disse: “Por que eles não percebem isso?”

E, durante anos, eu não conseguia compreender e então um dos alunos do meu grupo, que tem menos da metade da minha idade, disse: “Bem, talvez seja por causa do erro fundamental de atribuição, que eles... quando fazem algo ruim, acham que é por causa da situação, que não são uma pessoa má. É apenas a situação que os obriga a fazer isso. Mas, quando alguém faz algo ruim, é porque é uma pessoa má”. E eu disse a ela: “Você sabe, isso é brilhante”.

Não sei por que não pensei nisso. É tão óbvio. Mas a questão era... E então ela tinha outra

⁸ Um membro do corpo docente de uma faculdade ou universidade que está acima de um instrutor e abaixo de um professor associado.

questão sobre como as pessoas vivenciam a despersonalização, que elas pararam de pensar que eram elas que estavam fazendo coisas ruins. Então, aqui está a aluna que tem menos da metade da minha idade. Venho pensando nesse problema há 45 anos. Não consegui resolver e nos reunimos e conversamos por 10 minutos e ela encontrou uma solução melhor do que qualquer outra que tenha me surgido em 45 anos. Nem é o que ela estuda. Mas a questão é que, se você quiser ser criativo, ouça os mais jovens. Ouça seus alunos. Não faça apenas com que os alunos ouçam você.

Tania Viana: É um bom conselho. Falando em conselhos, que conselho o senhor daria aos alunos com notas baixas, cuja autoestima é prejudicada por um sistema educacional padronizado?

Robert Sternberg: Pois é, então o que eu falo... O que eu falo para os meus alunos é que, na vida, sempre vão acontecer coisas ruins. Que vocês sempre encontrarão pessoas dizendo o que vocês não podem fazer. E vocês sempre encontrarão pessoas com baixas expectativas em relação a vocês. E, em algum momento, a solução é muito simples: é acreditar em si mesmo. E dizer, você sabe, e não se trata de sua habilidade. “Não é que eu seja realmente um Einstein ou seja realmente um Picasso ou, você sabe, Deus, nós somos García Márquez”. Não é que você esteja dizendo que seja realmente como esses gênios. É dizer: “Que, se eu realmente trabalhar de modo árduo, posso conseguir muito”. Porque grande parte da vida – como disse uma vez Woody Allen – ele disse uma vez: “Acho que 90% da vida é estar presente”⁹. E eu acho que o que ele quis dizer foi que – eu acabei de dizer isso para Karin, minha esposa, hoje cedo – que, você sabe, às vezes nossos filhos têm desafios em Matemática, mas – são meninas – se você se esforçar, aí está... você sempre ficará surpreso com quantos desafios você pode superar, se você realmente trabalhar para isso.

E é aí que acho importante dizer a essas crianças que você pode ter sucesso. Você não precisa tirar as melhores notas. Se você olhar para as pessoas que são mais bem-sucedidas na sociedade... A ironia é que geralmente não são as pessoas com as melhores notas... As pessoas que têm as melhores notas querem se tornar professores universitários ou professores escolares e nem sequer ganham muito dinheiro e não são particularmente respeitadas. São as pessoas que não têm excelentes notas, que não conseguiriam empregos como professores universitários ou professores escolares, que passam a ser os líderes da sociedade.

Eu tenho dois filhos mais velhos e um foi aquele que, você sabe, foi excelente nos testes e tirou excelentes notas e tem doutorado e graduação em Direito e outra graduação. E outro que só fez faculdade e aquele que foi para a faculdade é aquele que está, você sabe, ganhando dinheiro, e tem tido muito sucesso e ambos são bem-sucedidos à sua maneira.

Você não precisa de ótimas notas e ser bom em todas as provas de Matemática, o que você precisa é acreditar em si mesmo. E lutar – eu disse isso para o meu grupo esta manhã – eu disse, na minha palestra, para o meu grupo esta manhã: o importante é descobrir quem você é. Qual é a sua contribuição a dar? O que você pode contribuir para o mundo que talvez ninguém mais contribua? E então aproveite ao máximo isso e é uma coisa diferente para cada pessoa.

Então, você sabe, eles deveriam tirar notas boas o suficiente para passarem. Mas, no final das contas, não são as notas que vão levar você ao sucesso na vida. É descobrir o que... O que eu tenho de único para contribuir para o mundo? E como posso aproveitar isso para fazer a diferença?

⁹ Estar presente com o significado de “trabalhar duro” ou “se esforçar”.

Tania Viana: Professor, na escola o senhor teve alguém que acreditou no senhor? Um professor?

Robert Sternberg: Sim, na verdade, fico feliz que você tenha perguntado isso, porque eu não mencionei. Então, eu tinha, quando era jovem – cinco, seis, sete anos – eu estava me saindo mal na escola. E eu provavelmente teria continuado assim, saindo mal na escola, porque todos pareciam felizes. E então, na quarta série, tive uma professora, a Sra. Alexa, que, por alguma razão, acreditou em mim. Que pensou que eu poderia fazer melhor. Eu não acho que ela pensasse que eu fosse algum gênio ou algo assim, mas ela pensou que eu poderia fazer melhor do que estava fazendo. E assim como tentei agradar os professores que não me consideravam muito... eu queria agradá-la. E fazer melhor.

Você sabe, na época, eu tinha nove anos. Tenho que admitir que... achei a Sra. Alexa muito legal. E lamento que ela não fosse mais jovem. Eu pensei que era uma pena que ela fosse casada. Porque senão pensei que poderíamos ter um futuro juntos. Mas não foi melhor do que quando eu tinha 13 anos. A única diferença é que eu não fiz o teste de QI da Sra. Alexa. De qualquer maneira, então, ela acreditou em mim.

E, na quarta série, fiquei chocado ao mostrar a mim mesmo que eu realmente poderia me sair muito bem na escola, e que muito do que havia acontecido foi dizer a mim mesmo que eu não podia me sair bem e então eu tentei e não é apenas algo que acontece com crianças. Posso dar outro exemplo quando era adulto. Sempre pensei – e acho que ainda penso – que tenho um péssimo senso de direção. E pensei que só tinha um péssimo senso de direção. Sempre que alguém me dava instruções ou sempre que eu ia a algum lugar onde era complicado. Eu diria: “Vou me perder”. E eu me perdi. Sempre me perdi, o que reforçou minha visão de que tenho um péssimo senso de direção.

E, então, fui convidado para dar uma palestra em uma cidade bem agitada, e era de noite, e eu estava dirigindo. E eu – quando fui para lá era só crepúsculo e – disse para mim mesmo: “É melhor eu ficar de olho nas ruas para onde estou virando, porque, quando eu voltar, vai estar escuro. E se eu me perder nesta parte da cidade, estou realmente em apuros. Você sabe, não é... não é seguro”.

E, então, dei minha palestra e fui para casa. E não cometi nenhum erro. E então percebi que parte de não ter um bom senso de direção era realmente porque, quando as pessoas... Porque eu pensava que não tinha um bom sendo senso de direção. Não ouvi as instruções e, então, não sabia as instruções e, então, criei uma profecia autorrealizadora. E eu acho que muitos dos nossos fracassos são apenas profecias autorrealizadora, que, se você disser a si mesmo que não vai conseguir ir bem na escola – e isso temos isso com nossas meninas o tempo todo. Você sabe, se você disser a si mesmo que não consegue fazer isso em Matemática, você não fará isso em Matemática. Então, se você acredita que pode fazer isso, você fará e não é só para crianças. É para adultos também. Se você disser isso a si mesmo, você sabe, posso não ser o melhor nisso. Mas, se eu realmente trabalhar nisso, posso fazer isso ok. Você pode ficar chocado com o quanto você pode fazer ok.

Tania Viana: Eu gostaria de perguntar algo sobre a escola e a realidade. As escolas são feitas de pessoas que têm problemas da vida real: professores com problemas no casamento, por exemplo, alunos com alguns problemas emocionais ou de saúde. Mesmo assim, os problemas de múltipla escolha propostos pelo sistema educativo são muito diferentes dos problemas da vida real. Professor, por que é tão difícil essa aproximação entre a escola e a vida real? A escola não deveria preparar os alunos para a vida?

Robert Sternberg: Sim, acho que é um erro que muitas – senão a maioria – das escolas cometem. Que devemos dar problemas que sejam uma melhor preparação para a vida. É isso que tento fazer nas minhas próprias aulas. Eu dou minhas aulas – são aulas de faculdade, de universidade. Mas eu os ensino com a atitude de que – e até digo aos alunos – as coisas que vocês vão encontrar no teste são aquelas que eu acho que são o evento mais real para o que vocês vão precisar para ter sucesso na vida.

E as outras coisas não são as que vou enfatizar no teste. E, então, o que eu tento infundir nas minhas palestras, nas minhas aulas de discussão, não é só ensinar o conteúdo, mas como você pode usar esse conteúdo na sua vida? Então, no último período, por exemplo, ministrei um curso sobre amor e relacionamentos íntimos. E minha ênfase não é medir um monte, você sabe, eles estão memorizando um monte de séries e experimentos. É como você pode usar o conteúdo desta aula para melhorar seus relacionamentos?

E, no meu curso sobre inteligência, que também lecionei, eu disse que meu objetivo não é apenas ensinar um monte de Teorias da Inteligência. É fazer você pensar: “Como você pode aproveitar a sua inteligência para melhorar a sua vida ou a vida de outras pessoas?”. Então, eu acho que se tivéssemos a atitude de que nós... Deveríamos estar ensinando para a adaptação ao mundo real, para lidar com o mundo real. A escolaridade seria uma preparação muito melhor para a vida do que usualmente é e é assim que eu ensino e é assim que eu testo.

Tania Viana: Professor, tudo muda. Por que é tão difícil para a escola mudar? Eu não entendo isso, realmente.

Robert Sternberg: Sim, acho que sim... Sim, quero dizer, tenho 74 anos, você sabe, sou um senhor com mais idade neste momento e, às vezes, quando eu penso que eu... comecei como Professor Assistente aos 25. Então, já se passaram quase 50 anos que eu tenho tentado mudar as escolas. E quando penso... Se penso muito nisso, é realmente deprimente porque as coisas pioraram. Mas acho que há muitas coisas que dificultam a mudança: uma é o entrenchamento, em que você costumava fazer as coisas de uma determinada maneira. Continuamos fazendo da mesma maneira. A segunda é que as escolas de formação não mudaram muito o modo como formam professores. Elas continuam treinando professores. Elas pensam em um mundo que não só não existe, mas que nunca existiu. Então, essa é a segunda coisa.

Acho que uma terceira coisa, pelo menos nos Estados Unidos [EUA], é que temos uma cultura de testes. E, assim, ensinamos a testar essas capacidades que não são realmente muito relevantes para as crianças serem bem-sucedidas na vida. Os testes orientam o currículo, eu acho, de uma maneira prejudicial. Acho que uma quarta razão, infelizmente, é que... Então, em relação aos testes... Quando os Estados Unidos [EUA] – não posso falar pelo Brasil – se tornaram um país de testes. Grande parte da razão pela qual isso aconteceu foi porque, antes disso, as pessoas que tiveram oportunidades eram, em sua maioria, da classe média alta e alta, que tiveram sucesso nos EUA. Você precisava de pais que tivessem dinheiro, que tivessem posição social, que fossem brancos, que fossem protestantes ou católicos, você sabe, que se enquadrassem em um perfil. Eles estavam... eles estavam nas camadas certas da sociedade. E, assim, a ideia dos testes era criar uma meritocracia que fosse justa para todos. O que as pessoas que começaram a fazer os testes não perceberam é que a correlação do teste com o estrato socioeconômico seria astronomicamente alta.

O que essencialmente eles estavam fazendo era desviar da classe social, da classe socioeconômica, através de testes, e dizer: “Então, as mesmas pessoas continuaram a ter sucesso”. Mas agora eles poderiam colocar este selo de meritocracia, porque as crianças que crescem em círculos desafiadores... Se a sua primeira língua, no nosso caso, for o Inglês, ou se

na nossa sociedade – não posso falar pela sua – a qualidade da escola que você frequenta depende muito da camada social de seus pais.

E, então, se você pegar crianças que... cujos pais não são muito cultos, que frequentam escolas que não são muito boas, as escolas não têm bons recursos. O Estado realmente não fornece uma boa assistência às escolas. Algumas crianças abandonam as escolas. Às vezes, porque não são muito boas; às vezes, porque precisam ganhar dinheiro; algumas crianças não falam inglês como primeira língua. Algumas delas vivenciam racismo ou classismo e/ou sexismo. Então, elas enfrentam muitos desafios e, claro, não se saem tão bem em testes que refletem as capacidades que ensinamos nas melhores escolas.

Então, acho que grande parte do fracasso em mudar é que as pessoas que estavam no poder em qualquer sociedade querem permanecer lá. E elas não apenas querem ficar, mas também querem que seus filhos estejam lá. E pode ser porque, você sabe, lá... Eles fizeram boas faculdades. Pode ser por isso. Mas não importa: toda sociedade faz isso. Pode ser porque eles frequentaram boas faculdades. Pode ser porque você é branco. Pode ser porque você é alto. Pode ser porque você é cristão. Pode ser porque era da parte política “certa”. Toda sociedade dá preferência a determinadas crianças e depois imagina que os filhos desses pais são os que apresentam mais mérito. Você sabe, em uma ditadura, é... você precisa de pais que estejam dispostos a se curvar diante do ditador. Na Rússia de hoje, se você tem pais muito inteligentes, mas que não jogam o jogo de Putin, você sabe que suas chances de sucesso não são tão boas.

Então, toda sociedade faz isso. E o mais importante é dizer – em vez de jogar qualquer jogo que a sociedade esteja jogando – seja por raça ou sexo ou classe social ou resultados de testes ou o que quer que seja. Faça isso ajudando cada criança a descobrir onde pode dar uma contribuição. Ajude-as a descobrir quem elas são e pode ser uma coisa acadêmica, mas, para alguns, é música, e para alguns é arte; e para alguns é artesanato; e para alguns é mecânica; e para alguns é atlético. Ajude-as a se tornarem a pessoa que podem ser, seja lá o que for. E valorize-as os por quem elas são, não por uma espécie de molde anterior que mantém a ordem social.

Tania Viana: Você sabe, professor, aqui no Brasil não é tão diferente. Temos uma educação padronizada conduzida por testes padronizados. Mais do mesmo.

Robert Stenrberg: Sim, do mesmo jeito.

Tania Viana: Professor, essa é minha última pergunta para o senhor. Sternberg por Sternberg. Como o senhor se define?

Robert Stenrberg: Como posso me definir? Eu diria que, neste momento da minha vida, eu me definiria como marido de Karin, pai de Seth, Sarah, Sammy, Brittany e Melody, cinco filhos. E como alguém que tentou fazer a diferença na Psicologia e na Educação e não teve tanto sucesso, mas deu o seu melhor. E, portanto, esperamos que todos os seus alunos e filhos tenham sucesso onde ele não teve.

Tania Viana: Professor, o senhor conseguiu. O senhor fez um ótimo trabalho em Psicologia e agradecemos por isso. Aqui, no Brasil, gostamos muito da Teoria Triárquica da Inteligência. Professor Sternberg, gostaria de agradecer não apenas por aceitar nosso convite, mas principalmente pela coragem de compartilhar conosco sua história de vida e dar esperança a muitos alunos que apresentam dificuldades com testes padronizados e com uma educação padronizada. Obrigada.

Robert Stenrberg: Bem, obrigado. Obrigado e espero ver todos vocês novamente.